



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO LETRAS  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

**ALCIELIS VENÂNCIO MARTINS**

**O CANGAÇO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDEPENDENTE E  
GUERREIRA NA OBRA DE RACHEL DE QUEIROZ**

**GUARABIRA – PB  
2019**

ALCIELIS VENÂNCIO MARTINS

**O CANGAÇO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDEPENDENTE E  
GUERREIRA NA OBRA DE RACHEL DE QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Centro de Humanidades, em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção do grau de Licenciada em Letras – habilitação em Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones

**GUARABIRA – PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M379c Martins, Alcielis Venancio.

O cangaço e a representação da mulher independente e guerreira na obra de Rachel de Queiroz [manuscrito] / Alcielis Venancio Martins. - 2019.

27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones, Departamento de Letras - CH."

1. Cangaço. 2. Representação Feminina. 3. Maria Moura.  
I. Título

21. ed. CDD 303.484

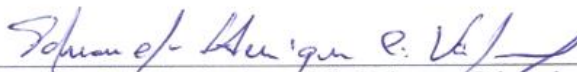
ALCIELIS VENÂNCIO MARTINS

**O CANGAÇO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDEPENDENTE E  
GUERREIRA NA OBRA DE RACHEL DE QUEIROZ**

Artigo, apresentado ao Departamento de Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba – Campus III –  
Centro de Humanidades, em cumprimento aos  
requisitos necessários para a obtenção do grau de  
Licenciada em Letras – habilitação em Língua  
Portuguesa.

Aprovado em 06 de Junho de 2019.

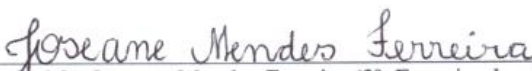
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones – Orientador  
Universidade Estadual da Paraíba



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas (1ª. Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Ms. Joseane Mendes Ferreira (2ª. Examinadora)  
Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPB  
SEDUC/PI

**GUARABIRA – PB  
2019**

A Deus por sempre me manter de pé, a minha família por sempre estar ao meu lado. Especialmente a meus pais Severino e Alzine Martins, obrigado por sempre acreditarem em mim, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da sabedoria, por me permitir abrir meus olhos e começar um novo dia. Por cada dia Senhor aumentar cada vez mais a minha fé, e pelas bênçãos concedidas e permitidas em minha vida. A ti Senhor consagro toda honra e toda glória.

À minha família que sempre esta ao meu lado, me incentivando com palavras de coragem e força para seguir o curso, pois há dias que foram muito difíceis para mim. Minha tia Lucia meu primo Edson, Célia a vocês estou aqui terminando meu curso e agradeço a todos pelo carinho dado e retribuídos em palavras.

Em especial a meus pais Severino Martins e Alzinete Martins, pois por vocês faço o possível é o impossível vocês são a minha maior riqueza. A meu irmão Alcemir que é tudo pra mim meu bem precioso, a minha pérola negra que é minha sobrinha Débora que titia ama tanto e faz meus dias mais felizes, a minha cunhada Nilda. Amo vocês são meu alicerce meu porto seguro. Dedico a minha vozinha que não se encontra mais entre nos Maria Bispo, sei que aonde a senhora estiver esta olhando por mim, é me protegendo te amarei eternamente minha vozinha no meu coração a senhora esta sempre viva.

Agradeço a uma pessoa muito especial para mim, estamos longe, mas você sempre esta presente nos meus dias obrigado pelas palavras de incentivo, pelo carinho retribuído e por aguentar às vezes a minha chatice, Felipe Silva (Lipe) meu carinho e enorme por você obrigado por tudo.

Agradeço aos meus amigos a minha irmãzinha que amo Gilvânia, sempre estarei ao seu lado sempre que precisar você sabe disso. A Christian por me ajudar, se não fosse você não sei o queria de minha pessoa, que Deus abençoe cada dia mais sua vida, sempre que precisar de mim estarei aqui sou muito grata a você obrigado por tudo. As aminhas amigas Simone (minha cabritinha linda), Edilma e Wedna, obrigada por todas as palavras de incentivo, pelo carinho e por sempre estarem comigo.

Agradeço especialmente ao meu professor e orientador Eduardo Valones, por sua dedicação e paciência com a minha pessoa por seus ensinamentos dados, pois foi através da sua disciplina de Literatura da Modernidade que conheci a obra “Memorial de Maria Moura” a qual me encantei e me interessou a fazer a pesquisa. Obrigado, professor, que Deus o abençoe cada dia mais, que sabedoria e felicidades sejam constantes em sua vida obrigada por tudo.

[...] — Agora se acabou a Sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é a Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data na sesmaria da Fidalga Brites, na Serra dos Padres. Vamos lá, arriem os animais.

*Raquel de Queiroz, 1992, p. 66.*

## SUMÁRIO

|            |   |           |
|------------|---|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>2</b>   | <b>RACHEL DE QUEIROZ: UMA MULHER QUE VIVEU PARA<br/>ESCREVER.....</b>               | <b>10</b> |
| <b>3</b>   | <b>NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS DE MARIA MOURA: A CONSTRUÇÃO<br/>DA PERSONAGEM.....</b> | <b>12</b> |
| <b>4</b>   | <b>O CORONELISMO FEMININO NO CANGAÇO.....</b>                                       | <b>17</b> |
| <b>4.1</b> | <b>Banditismo.....</b>  | <b>21</b> |
| <b>4.2</b> | <b>A imagem da mulher no cangaço.....</b>   | <b>23</b> |
| <b>5</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>24</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>25</b> |



## O CANGAÇO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDEPENDENTE E GUERREIRA NA OBRA DE RACHEL DE QUEIROZ

Alcielis Venâncio Martins<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste trabalho de conclusão (TCC) procuramos analisar a imagem da mulher no romance, *Memorial de Maria Moura* (1992) da escritora brasileira Rachel de Queiroz. Com nossa pesquisa, objetivamos investigar como a mulher está sendo representada no romance supracitado. Os resultados de nossa pesquisa apontam que a imagem de cangaceira era muito presente nesta narrativa através da obra *Memorial de Maria Moura*, através da personagem “Maria Moura”, ela não aceitava ser submissa a vontade carnal do homem, ela que dava as ordens, ela é que mandava e decidia quando tinha suas vontades de mulher para se satisfizer no momento em que desejava. Assim concluímos nossa pesquisa em análise, que hoje atualmente muitas coisas que há na obra de Rachel de Queiroz, ainda esta em nosso meio sendo representados em nossos cotidianos, como a seca do Nordeste o Banditismo, que ela nos traz é esta presente também em sua obra, onde atualmente acontece com aqueles poderosos, que hoje são os governantes de mais autoridades. A questão da mulher não ser submissa ao homem, ainda existem algumas que são, mas já tem mudado bastante este contexto. Hoje a mulher é independente vive sua vida, decide quem quer ou não para viver consigo, assim como “Maria Moura” decidia quando queria não namorar ou se relacionar. Como procedimento metodológico de nosso trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica, desta forma, a fundamentação teórica de nossa análise baseia-se nos seguintes autores: Albuquerque Júnior (1999), Amado (2006), Bosi (2006), Caminha (2010), César (2010), Domingues (2017), entre outros autores.

**Palavras-chave:** Cangaço. Representação Feminina. Maria Moura.

### ABSTRACT

In this concluding work (TCC) we seek to analyze the image of women in the novel, *Memorial de Maria Moura* (1992) of Brazilian writer Rachel de Queiroz. With our research, we aim to investigate how the woman is being represented in the aforementioned novel. The results of our research indicate that the cangaceira image was very present in this narrative through the *Memorial* work of Maria Moura, through the character “Maria Moura”, she she did not accept to be submissive to the carnal will of the man, she who gave the orders, she was the one who commanded and decided when she had her womanly desires to be satisfied at the moment she wished. Thus we conclude our research in analysis, that today many things that there is in Rachel de Queiroz's work, still in our midst being represented in our daily lives, such as the Northeast drought and Banditry, which she brings us is also present in her work, where currently happens to those powerful, who today are the rulers of more authorities. The issue of women not being submissive to men, there are still some that are, but this context has already changed a lot. Today the independent woman lives her life, decides who wants to live with her or not, just as “Maria Moura” decided when she didn't want to date or relate. As methodological procedure of our work we use the bibliographic research, thus, the theoretical foundation of our analysis is based on the following authors: Albuquerque Júnior (1999), Amado (2006), Bosi (2006), Caminha (2010), César (2010), Domingues (2017), among other authors.

**Keywords:** Cangaço. Female Representation. Maria Moura.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Centro de Humanidades. E-mail: [alcieliselis@gmail.com](mailto:alcieliselis@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo mostrar, uma análise feita através do olhar no mundo do cangaço inspirado na obra “Memorial de Maria Moura” da autora brasileira Rachel de Queiroz. Não imaginava que iria fazer uma pesquisa, sobre um tema que teria elementos sobre o cangaço, mas quando li esta obra me interessei e observei o quanto a romancista e autora mostra em suas narrativas retrata a realidade vivida na pele daqueles personagens, que representam o sertão nordestino.

Rachel de Queiroz, no ano de 1992 lançou um dos seus maiores romances já escritos por ela, “Memorial de Maria Moura” com seus 82 anos de idade, Rachel de Queiroz acaba surpreendendo a todos os escritores e leitores, com um romance que traz consigo aproximadamente quase 500 páginas.

Para poder alcançar esses objetivos nas análises e pesquisas, foram utilizados vários autores neste presente trabalho com o intuito de buscar mais informações a respeito do que queria nesta pesquisa, e me aprofundar mais ao assunto. E assim acabando descobrindo a real vida no mundo do cangaço.

A autora brasileira Rachel de Queiroz, teve em sua obra uma inspiração para seu romance e sua personagem principal que é “Maria Moura”, na qual de acordo com Caminha (1952), nos diz, “Segundo a autora, a inspiração veio das façanhas de Elisabeth I, rainha da Inglaterra, e de uma tal Maria de Oliveira, que em Pernambuco, na seca de 1602, fez-se chefe de um bando que assaltava fazendas”.

Os pontos que aparece nesta obra como o coronelismo, a autora vem nos mostrar mais uma vez em sua narrativa e coloca vários acontecimentos surgidos no cangaço. Como podemos ver segundo André Luiz (2018), nos diz em sua fala “A figura do coronel, tão marcante no interior do nordeste, e no imaginário da política brasileira, principalmente no século XX, deve em grande parte o seu poderio ao distanciamento das políticas públicas das regiões em que se encontrava”.

Como se pode ver, o coronelismo tinha uma ligação forte com os coronéis que eram pessoas de alta influência e poder na região, os quais mantinham ligações com a política e tinham famas no sertão, tendo também entre eles as relações econômicas e sociais que por muitas vezes eram privados. Assim podemos vê como Antonio Barroso (1973), nós mostra “Entre coronelismo e cangaceirismo existe grande afinidade, havendo, no entanto no comportamento de um e de outra grande distinção, desde que o coronelismo tem função legal e o cangaceirismo propriamente dito é marginalizado pela justiça”. Sendo assim percebe-se a diferença entre eles que fica bem explícita.

Outro ponto importante que vêm na obra de “Memorial de Maria Moura” é a questão do banditismo que se encontra presente neste romance. Segundo Frederico Mello (1974), “A nível singular, o cangaço de rapina tem como representante, por excelência, aquele bandido dotado de razoável predisposição psicológica, oriunda de fatores disposicionais ou adquiridos, que encontra satisfação na forma de vida adotada”. O banditismo tem a ligação com bandido ele encontra e esta bem claro que esta e a vida que eles vivem por vontade própria.

Um marco muito importante nesta análise é a imagem da mulher no mundo do cangaço como se pode vê na fala da autora Caroline Lima (2018), nos mostra em seu trabalho “Com relação ao contexto histórico, entre 1930 e 1940, as mulheres estavam sob a égide do código civil de 1916, que definiu institucionalmente o lugar da mulher. A entrada das mulheres no cangaço feriu a legislação, as suas experiências não estavam mais atreladas a tal estrutura”.

Esperamos que ao final desta pesquisa, possamos demonstrar a força que há no cangaço e a presença dele na obra “Memorial de Maria Moura” da autora Rachel de Queiroz, procuramos deixar bem claro os acontecimentos que há no cangaceirismo, nesta obra

presente. Desta forma esperamos poder contribuir ao estudo, as diferenças entre o cangaço, o bandido e a mulher no cangaço sendo representado pela personagem Maria Moura.

## 2 RACHEL DE QUEIROZ: UMA MULHER QUE VIVEU PARA ESCREVER

A escritora brasileira Rachel de Queiroz nasceu no dia 17 de novembro no ano de 1910 em Fortaleza – Ceará, sendo ela filha de Daniel de Queiroz Lima e Clotilde Franklin de Queiroz Lima. No ano de 1917, ela foi para o Rio de Janeiro, junto com sua família, onde procuravam fugir da seca que desde o ano de 1915 que castigava aquela região. Mais tarde, a autora aproveitou o tema da seca para então escrever seu primeiro livro *O Quinze*. Em seguida passando-se um tempo, seguiram então para Belém do Pará, onde lá viveram por dois anos.

Aos seus 11 anos de idade, a autora que já tinha alguns ensinamentos de sua família, Rachel de Queiroz foi matriculada em um colégio de nome Imaculada Conceição, um dos melhores da capital Fortaleza. Ao completar seus 15 anos, Rachel conclui o seu curso normal, já que na maioria de seus colegas se formavam aos 18 anos. De acordo com Edmilson Caminha (2010), ele nós mostra em uma declaração de Rachel a respeito de seu comportamento na escola em um documentário de um filme:

“Nunca fui boa aluna, e foi esse o único ensino formal que tive na vida: se há um exemplo de autodidata, sou eu” – afirmaria depois, no filme-documentário *Um Alpendre, uma Rede, um Açude* realizado por Eliane Terra e Karla Holanda em 1995. (CAMINHA, 2010, p. 08).

Como se pode observar a citação acima, Rachel nós deixa claro em suas palavras que não era muito boa em sua vida de estudante, mais mesmo assim apesar de toda essa complicação acabou tornando-se uma grande escritora. A autora acabou iniciando sua carreira profissional na imprensa começando como uma colaboradora do jornal *O Ceará*, em Fortaleza, onde começava ela a escrever as primeiras de milhares de crônicas.

A autora e escritora já entre seu 19 e 20 anos de idade começa a escrever um livro que fala sobre, a miséria e seca escrevendo à mão, e em cadernos escolares durante noites será *O Quinze*. Seus primeiros leitores foram seus pais, Dona Clotilde e Dr. Daniel, conquista com a escrita e resolveram pagar pela impressão de mais de dois mil exemplares a uma gráfica em Fortaleza.

Rachel de Queiroz se apresentava com um pseudônimo – não de escritora e sim de homem, tanto quanto a dureza humana e a experiência na vida com que o romance impressiona o leitor. A quem pensasse que o autor de suas escritas fosse Daniel de Queiroz ou teria sido ele, a figura incógnita que aperfeiçoa o texto da filha.

De acordo com Alfredo Bosi (2006), na estreia do regionalismo, Rachel de Queiroz compôs dois romances de ambientação cearense, *O Quinze* e *João Miguel*. Em ambos releva notar uma prosa enxuta e viva que seria depois de tão estimável na cronista Rachel De Queiroz. Assim como vimos nessa citação foi citado os dois romances, eles tem algo em comum pois neles trazem a exploração na imagem da seca e miséria do nordeste, e também uma reflexão entre ambos em meio ao que dizemos urbano.

De acordo com Alfredo Bosi (2006):

Confrontados com a *Bagaceira*, esses livros podem dizer-se mais próximos do ideal neo-realista que presidiria à narrativa social do Nordeste. Os períodos são, em geral, menos “literários”, breves, colados à transcrição dos atos e acontecimentos. (BOSI, 2006, p. 396)

Como acabamos de ver, Alfredo Bosi (2006), nos falou em sua citação que o neorealismo está ligado ao modernismo e que os temas principais desses autores nesse

período, era de nosso país em foco e o povo nordestino mostrando suas realidades. Como podemos vê segundo Alfredo Bosi (2006) nós diz, e o diálogo é corrente, lembrando às vezes a novelística popular que, mais tarde, atrairia a escritora ao passar do romance para o teatro de raízes regionais é folclóricas (Lampião, A beata Maria do Egito)”

No ano de 1937, sai mais um romance da autora Caminho de Pedras que foi o primeiro publicado pela Editora José Olympio, onde o enredo se desenvolve na retrógrada de Fortaleza. De acordo com Alfredo Bosi (2006), nos mostra em sua fala a respeito do terceiro romance de Rachel de Queiroz a questão envolvendo a política, como veremos a seguir.

O terceiro romance de Rachel de Queiroz, *Caminho de Pedras*, é conscientemente político: a sua redação, em 36, coincide com o exacerbar-se das correntes ideológicas no Brasil à beira do Estado-Novo: comunismo (stalinista; trotskista: esta a cor da romancista na época) e integralismo. (BOSI, 2006, p. 396)

A escritora no seu terceiro romance *Caminho de Pedras* como podemos ver na citação acima, uma questão fala de vida política em um processo onde a uma separação que são internas, em um partido que é comunista e como em suas contradições nos vários níveis. A expressão literária de Rachel de Queiroz realiza-se através de uma narrativa plenamente sintonizada com o espírito dos anos 1930, empenhando não só em compreender a realidade Brasileira, mas também em denúncias as nossas mazelas sociais.

Como podemos ver nessa análise feita por Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza (2016), a publicação do romance “Intitulado As Três Marias foi publicado em 3 de setembro de 1939 pela recém instalada Livraria José Olympio Editora na cidade do Rio de Janeiro. De autoria de Rachel de Queiroz, a obra narra, em primeira pessoa, a história de vida de Maria Augusta, mais conhecida como Guta, e de suas grandes amigas: Maria José e Maria da Glória”. (SOUZA, 2016, p. 01). Como se foi visto nesta análise a autora através de seu romance nos traz uma homenagem ao nome de uma grande mulher consagrada que é a Virgem Maria já que o enredo ocorre em um internato religioso.

Vejamos na seguinte análise de Osmar Pereira Oliva o ano que foi a estreia de mais um trabalho de Rachel de Queiroz (p. 147), “Publicado em 1975, o romance *Dôra*, Doralina retoma o gênero abandonado por Rachel de Queiroz com *As três Marias*, o qual encerrava o ciclo de quatro romances publicados na década de 30”. Este romance tem uma semelhança com os seus outros trabalhos, na narrativa de personagens femininas onde se tornam o centro dos enredos.

No ano de 1977 mais precisamente no dia 04 de agosto, houve um grande marco na carreira da escritora Rachel de Queiroz como podemos vê neste trecho da análise de Caminha (2006), “quebrou-se um tabu de exatos 80 anos na Academia de Letras, com a eleição de Raquel de Queiroz para a cadeira nº 5, anteriormente ocupada por Cândido Motta Filho”.

A autora Rachel de Queiroz teve um grande marco em sua história à apresentação de sua peça de Lampião no teatro Dusse com a participação de atores, e foi no ano de 1954 precisamente no dia 29 de maio que o Jornal O globo fez a apresentação de sua peça a autora se lançava como uma dramaturga.

Segundo o crítico Sergio Milliet (*apud* CAMINHA, 2010, p. 25) nos descreve em suas palavras uma declaração sobre o drama,

Rachel de Queiroz não endeusou o cangaceiro, nem lhe desculpou os crimes. Não quis fazer sociologia nem tirar nenhum partido ideológico do fenômeno cangaço. Cortou apenas na vida de Lampião a sequência de maior dramaticidade e no-la projetou de um modo quase objetivo. Para tanto, sacrificou os possíveis efeitos que teria alcançado apelando para o pitoresco, mas ganhou uma profundidade rara em nossa literatura. (CAMINHA, 2010, p. 25).

Como acabamos de ver de acordo com a crítica que o Sergio Milliet nos mostra, percebe-se que em suas palavras ele nós mostra e acha que a autora foi fiel a sua escrita, e não quis fugir das origens do cangaço, portanto, assim nota-se a sua admiração em suas palavras citando que ela foi muito profunda na literatura.

No ano de 1992, a autora nos surpreende com um dos seus maiores romances o *Memorial de Maria Moura*, já visto na literatura brasileira, Rachel tendo seus 82 anos mais uma vez nos deixa surpresos e também aos leitores e escritores com mais um de seus romances que ao todo dão aproximadamente 500 paginas.

E, nos traz traços fortes e importantes tendo algo em comum com seus outros contos tendo algumas semelhanças como a questão seca e a pobreza de um nordestino, o homem e seu sofrimento a romancista coloca toda sua experiência em pratica. Seu romance foi fundamentado entre os anos de 1830 e 1840, o que rendeu muita dificuldade na questão da época quanto na linguagem, sendo fruto de uma pesquisa de Antônio Houaiss que se chama “arqueologia verba”.

Sendo assim, a escritora não se limitou em suas escritas, e acabou escrevendo no campo literário infantil o livro *O Menino Magico* (1997), que foi um pedido da escritora Lúcia Benedetti, as historias contadas para seus netos. Como a autora também fazia traduções em suas atividades teve mais de quarenta volumes que foram vendidos.

A autora Rachel de Queiroz, é de uma grande importância para o nosso meio literário brasileiro, é também mundial com suas escritas sempre originais a vida e obra que ela traz o regionalismo, a realidade da vida e com isso ganhando novos espaços na TV. Ela nos traz o que há de mais profundo, sua principal personagem o sertão de inspiração, o sertão e o tornando o povo como suas estrelas em suas obras na literatura brasileira ganhou uma nova concepção comisso a tornando uma escritora de maior importância no nosso âmbito literário brasileiro.

### **3 NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS DE MARIA MOURA: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM**

Assim como a autora tem sua personalidade forte o mesmo acontece em seus romances, principalmente nas suas personagens femininas por dos quais Rachel de Queiroz mostra a independência nas mulheres que são fortes, simples e capazes de resolver as mais diversas situações, assim como ela nos relata.

Pouco sei falar em coisas delicadas, em coisas amáveis. Sou uma mulher rústica, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares, do chão e do céu. Se você entender de sociologia, dirá que sou uma mulher terlúrica; mas não creio que entenda. É assim não resta sequer à compensação de me classificar com uma palavra bem soante. (CAMINHA, 1952, p. 18)

Na citação acima, Caminha (1952) apresenta-nos a fala de Rachel de Queiroz na qual ela demonstra uma mulher forte, que viveu em campo e gosta de coisas simples quando ela cita os bichos, negros, percebe-se o seu cuidado a sua fala, assim como ela foi criada perto de pessoas simples em sua infância, isso ela nos passa em seus trabalhos de romances através de suas personagens.

Rachel sempre teve um sentido amplo em relação as suas representações na questão do feminismo, como podemos facilmente identificar em seus contos de romances sendo um de seus pontos mais fortes em suas escritas. Segundo Caminha (1952),

Isto é ao percorrer momentos da historia da humanidade buscando reter personagem a Rachel de Queiroz, assim nota-se a busca de trazer à tona personagens femininas –

populares, relevantes ou monumentais - abrindo as asas da imaginação para a posterior criação de Conceição aquela de O Quinze. (CAMINHA, 1952, p. 48)

Podemos observar que, a Rachel de Queiroz coloca em sua fala sobre as suas personagens femininas o quanto elas tem em comum, sempre em suas obras elas tem características em comum na questão de serem lutadoras morarem no nordeste, a sua narrativa retrata em que vivem esse personagem.

Como podemos ver na análise realizada por Jeanne Cristina Barbosa Paganucci (2012), a autora demonstra em sua escrita que: “em Memorial de Maria Moura o Nordeste é um elo em que Rachel de Queiroz expressa sua indignação a respeito da violência contra a mulher, das disputas familiares e políticas por terra e poder, a voz sufocada do nordestino que se distância do restante do país no aspecto socioeconômico”. (PAGANUCCI, 2012, p. 07).

Rachel de Queiroz traz em seu conto uma representação muito importante, ela tanto nos traz em suas histórias a imagem de um tipo de cangaceiro que fica visível em cada detalhe contado como podemos ver nesse trecho da análise de Paganucci (2012, p. 09): “Rachel resgata a literatura do cangaço em Maria Moura como, por exemplo, Maria Bonita trabalha a questão da mulher no cangaço, o papel que esta exerce e a força da personagem ao destacar do perfil da mulher submissa e pacata”.

Se passando entre a fase de sua adolescência para a fase adulta se aconteceram algumas experiências em sua vida literária. A autora teve experiências em suas escritas começando fazendo logo alguns contos, em romances e em pequenos folhetins, eram contos sobre terror é também fez uma peça de teatro que teve como experiência logo depois na poesia.

De acordo com Roncari Luiz (1985),

Se o romance-folhetim tenta sobreviver à existência breve dos jornais e alcançar o verdadeiro corpo no livro, a crônica literária faz o contrário: realiza seu verdadeiro ser na brevidade dos jornais, mas espera repousar dessa passagem agitada e curta no livro que a lembre e recorde, como a imagem de quem foi um dia. (RONCARI, 1985, p. 13)

Como Roncari Luiz (1985), nos mostra essa citação o que podemos perceber é que mesmo sendo as atualidades de transmissão mais atualizadas nos dias atuais. Pode-se perceber as transformações ocorridas em meio as relações cotidianas, e sempre lembrar a importância que isso foi um dia as tradições antigas de como transmitir seu trabalho.

Rachel nos trás em suas personagens em seu romance a condição da mulher forte em suas lutas contra as relações no poder da ideologia que se encontra no poder patriarcal. A autora nós mostra em sua narrativa de seu romance vários narradores: como Maria Moura a principal protagonista da historia de seu romance o Padre que no decorrer da trama e nomeado como Beato Romano, os primos de Maria Moura que são Tonho, Irineu e Marialva esses são alguns dos principais da historia.

Se pode vê em suas narrativas que alteram as relações que há entre os personagens, onde se percebe que se articulam ideias valores opiniões e que também se encontra um contexto que é histórico nas diferenças entre os gêneros masculinos e femininos. A personagem Maria Moura e o Padre (Beato Romano) esse que ficou conhecido assim na trama, são as vozes narrativas onde se completam, a um elo entre eles que os unem pois a um segredo entre eles de confissão.

A manhãzinha na igreja, quase escura ainda. A moça ajoelhada, falando com voz rouca: — Padre, eu me confesso porque pequei... Cometi um grande pecado... O pecado da carne... Com um homem... O meu padrasto! E o pior é que, agora, eu tenho que mandar matar ele... Pela grade do confessorário dava para enxergar alguma coisa. Ela parecia nova, talvez até bonita. Falava frio, sem raiva descoberta,

mas decerto com um ódio muito grande no coração. Fiquei agitado — excitado? — e muito assustado. Mas consegui dizer: — Tirar a vida dos outros é um crime muito maior que o pecado da carne, minha filha. Quem é esse homem? Ela primeiro engoliu em seco, depois disse o nome. Mas fez isso sem querer, pois, quando entendeu o que dissera, quase gritou de raiva: — O senhor fez eu dizer o que não devia. O nome dele, não! Foi ilusão sua! E agora, vai me denunciar? (QUEIROZ, 1992 p. 09)

Percebe-se nesta fala que vemos na citação acima, já começa um forte laço entre os personagens isso em um dos pontos mais fortes no decorrer da trama só que ali não sabiam eles que isso ia render mais adiante. A partir do momento que Maria Moura falou que mataria um homem, e o padre aquele que pediu que refletisse jamais imaginaria que daquele dia em diante suas vidas estariam traçadas para sempre.

A obra nós mostra uma cumplicidade de crimes e ao mesmo tempo amores que são proibidos, daí podemos vê o que nos mostram e podemos perceber que se observamos bem se pode parti para uma análise na construção do gênero na sexualidade, como se foi falado antes que o feminino passa a completar o masculino. E então é aí que a cumplicidade de crimes vai mostrando essa função que é libertadora da morte a Maria Moura e ao mesmo tempo de regeneradora da morte para o Beato como se isso fosse um tipo de confronto entre ambos os sexos feminino e masculino.

Aqui podemos vê mais um trecho da fala do Beato com Maria Moura:

— Acalme o seu cachorro. Eu não vim aqui ameaçar ninguém; pelo contrário, vim pedir proteção. — Mas logo o senhor? Um padre! Que espécie de proteção? — Sua casa, sua confiança, sua ajuda. Antigamente se chamava isso ‘direito de asilo’. Pois eu vim lhe pedir asilo. Não sou mais padre, há anos. Larguei a batina. Também fiz uma morte, ando fugido já faz muito tempo. Encarei o padre de novo: — O seu segredo pelo meu? Ele aí abriu os braços: — Se a senhora quiser assim. Mas eu vim de graça, sem cobrança nenhuma. E posso pagar o que comer. Escrevo as suas cartas, faço as suas contas... Não precisa — nem deve — contar a ninguém que eu sou padre, mas posso batizar as crianças que nascerem, ajudar os doentes a morrer... E então? Resolvi depressa. O perigo menor era deixar que ele ficasse. E se não desse certo, era mais fácil acabar com ele em casa, do que sair atrás, depois que ele botasse a boca no mundo. (QUEIROZ, 1992, p.12)

No decorrer da trama como podemos ver acima, acontece o que já era de se esperar após o padre ter cometido um crime, e lembrando do segredo que havia guardado de Maria Moura ele já sabendo de sua fama de mulher mais temida na boca do povo foi pedir dígitos um favor a ela. Percebe-se nesta fala dos personagens uma expressão de dívida que um tem com o outro, e nisso acabam lembrando o acontecido e seu favor sendo atendido pela Maria Moura.

A protagonista junto com o Beato Romano funcionam numa narrativa como se fosse um ponto no contraponto, isso funciona como uma espécie de mecanismo na memória e trazem na sua história o que permitem aos leitores ser um leitor crítico no desvendar das roupagens e da caracterização nos gêneros em seus personagens.

A autora nos traz em seu romance para os leitores um cenário do sertão, onde a protagonista que é Maria Moura esta travestida de jagunço, e junta-se com seu bando, sua cabroeira pois é a única forma que ela tem para ser obedecida e respeitada e ter o poder de comando.

Eu enfiei uma calça que tinha sido de Pai, pra montar com mais liberdade. Me servia perfeitamente, eu sabia. Pai era magro como eu, e tinha pouco mais que a minha altura. (QUEIROZ, 1992 p. 46)

Eu levantei a mão, avisando: — Vou prevenir a vocês: comigo é capaz de ser pior do que com cabo e sargento. Têm que me obedecer de olhos fechados. Têm que se esquecer de que eu sou mulher — pra isso mesmo estou usando estas calças de homem. Bati no peito: — Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atiram; se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedecer paga caro. Tão caro e tão depressa que não vai ter tempo nem para se arrepender. (QUEIROZ, 1992, p. 55)

— Agora se acabou a Sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é a Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data na sesmaria da Fidalga Brites, na Serra dos Padres. Vamos lá, arreiem os animais. (QUEIROZ, 1992, p. 66)

Podemos ver nesta citação a fala de Maria Moura, que depois do dia do incêndio de sua casa a mulher sinhazinha que havia desde daquele dia em diante não existia mais, pois como ela falou a sinhazinha acabou agora quem esta ali e a chefe de um bando. Vê-se em sua tonalidade de sua voz o quanto ela se sente livre feliz e ao mesmo tempo autoritária, forte com poder só em vê aqueles homens a le obedecer.

A protagonista Maria Moura que está naquela sede de poder, acaba construindo a sua tão sonhada Casa Forte e nela faz um típico Quartel General para então ali obrigar sua gente, seu bando e até mesmo aqueles que estão metidos em coisas erradas fugindo da lei e nisso la fazendo os seus supostos hospedes a cumprir suas leis.

Rachel de Queiroz teve uma inspiração para a construção de seu romance, Memorial de Maria Moura e também de sua personagem, como de acordo com Caminha (1952), nós diz, “Segundo a autora, a inspiração veio das façanhas de Elisabeth I, rainha da Inglaterra, e de uma tal Maria de Oliveira, que em Pernambuco, na seca de 1602, fez-se chefe de um bando que assaltava fazendas”.

Segundo Lisa Hilton nós fala em sua Biografia:

É possível que o conceito de diferença entre os sexos da época fosse consideravelmente mais elástico e sofisticado, e muito menos restritivo que o do século XXI. Na prática, o gênero de Elizabeth era <sup>2</sup>significativo no tocante a determinadas áreas – na organização de sua casa, por exemplo, ou em sua inaptidão para liderar as tropas na batalha –, mas a formação intelectual de Elizabeth, em particular a influência da “nova ciência”, granjeou-lhe uma imagem principesca em nada limitada pela feminilidade. (ELISABETH I, 2016, p. 13-14).

De acordo com a citação apresentada, se percebe-se a semelhança entre a rainha Elisabeth e a personagem Maria Moura ambas tem pensamentos parecidos, de comandar suas tropas sem se importam com sua sexualidade e feminilidade. E também nos traz semelhanças a umas das mulheres mais temidas do cangaço e Maria Bonita mulher de lapião.

---

<sup>2</sup> As *Memórias* de Garibaldi são, praticamente, a fonte primeira da história de Anita. Nelas, o revolucionário constrói a imagem de sua companheira como uma mulher-soldado, uma pessoa corajosa com princípios claros de igualdade e justiça, uma espécie de guerreira-nata e destemida nos campos de batalha. Nesse sentido, ele edifica o mito heroico de Anita, destacando que ela é uma mulher que irrompe no espaço público como vencedora e atua no espaço masculino como se fosse seu próprio universo. Essa figura de Anita é repetida pelos demais historiadores depois dele que corroboraram a solidificação da heroicidade de Anita Garibaldi. (p.14)

REFERÊNCIA: RIBEIRO, Fernanda Aparecida. **ANITA GARIBALDI COBERTA POR HISTÓRIAS**. Cultura Acadêmica (2011)

«Nas coisas da guerra, era muito experiente, tanto para empunhar a lança, como para reunir um exército, ou ordenar um combate e dispor a artilharia. Todos se maravilhavam de ver que, relativamente às coisas militares, ela procedia com tanto acerto e previdência, como se fora um capitão que houvesse guerreado durante vinte ou trinta anos. Sobretudo, no manejo da artilharia, é que era muito entendida.»

REFERÊNCIA: DENIS, Leon. **Livro Joana d’Arc**. Disponível em: [http://www.limiarespirita.com.br/livros/joana\\_darc.pdf](http://www.limiarespirita.com.br/livros/joana_darc.pdf) Acesso em: 23 de Abril de 2019



De acordo com Caminha (1952), nos descreve em um trecho de sua fala a imagem de Maria Moura:

É uma espécie de Lampião de saias, Anita Garibaldi dos Sertões, Joana d'Arc da caatinga, cujo destino fica em aberto no fim do romance: à frente dos seus homens, parte para roubar uns compradores de gado sem que saibamos o depois, como bandidos que desaparecem na poeira da estrada para virar lenda. (CAMINHA, 1952, p. 35)

Como foi citado na fala de Caminha (1952), ele nos traz as comparações que a autora Rachel de Queiroz faz a sua personagem Maria Moura, onde Anita Garibaldi e Joana d'Arc assim como a personagem possui características de uma mulher guerreira destemida corajosa que lutava por seus princípios.

A autora Rachel de Queiroz nos traz na sua personagem Maria Moura a imagem da mulher que não aceita ser submissa aos caprichos de um homem, ela nós deixa claro em sua fala a sua identidade real e a identidade que se constrói se vendo ao espelho, a uma imagem masculina.

De acordo com a análise de Costa (2002):

Instaura-se com frequência uma tensão entre a “sua identidade real e a sua identidade construída no espelho Masculino”. Ela continua a ser mulher, lembrando seus casos amorosos, questionando o casamento, mas sua ânsia vertiginosa é o *poder*, é o *mando* sobre tudo e todos; lugar do masculino. É à proporção que a narrativa se encaminha para o final do leitor verá que essa identidade construída no no espelho Masculino fragmenta-se, revelando “o refrão da diferença sexual como alicerces da própria cultura”. (COSTA, 2002, p.186)

De acordo com a seguinte citação de Costa (2002), percebe-se a questão em si da sexualidade a personagem Maria Moura por mais que ela seja uma mulher, ela se vê em sua situação que convive a uma imagem de um homem, que tem que ser respeitada e acatar sempre as suas ordens.

A seguir veremos uma fala de Maria Moura em relação a Duarte:

Apesar daquela grande amizade que nos ligou, nunca ninguém pensou que eu chegasse a casar com Duarte. Acho que nem ele pensaria. Afinal, era filho de escrava alforriada e a gente não se casa com filho de cativo, mesmo que tenha do nosso sangue nas veias. E talvez fosse mesmo pelo impossível da idéia de um casamento entre nós, que aos poucos foi havendo o que chegou a haver. Além do mais, eu tinha horror a casamento. Um homem mandando em mim, imagine; logo eu, acostumada desde anos a mandar em qualquer homem que me chegasse perto. Até com o Liberato, que era quem era — perigoso —, achei jeito de dar-lhe a última palavra. (QUEIROZ 1992, p. 230)

Diante da fala de Maria Moura se vê o quanto ela tinha apreço por seu primo Duarte, e que por mais que pensasse em um relacionamento não poderia acontecer entre eles pois eram do mesmo sangue, além de a personagem deixar bem frisado que teria horror a relacionamento por contas de suas experiências já passadas.

Nesta outra citação a personagem protagonista nos deixa bem claro que homem nenhum manda nela, como veremos a seguir:

Um homem me governando, me dizendo — faça isso, faça aquilo, qual! Considerando também dele tudo que era meu, nem em sonho — ou pior, nem em pesadelo. E me usando na cama toda vez que lhe desse na veneta. Ah, isso também não. Duarte entendeu logo que, comigo, tinha primeiro que tomar chegada, vir de mansinho, se sujeitando ao meu querer. Só na sombra da noite, no escuro do quarto,

sem ninguém desconfiando de nós. Ele não fazia questão de nada, nem ciúme demonstrava; mas também era fácil, pois que não havia por ali ninguém que se atrevesse a chegar perto de mim. O fato é que, comigo, quando se tratasse de homem, tinha que ser sempre eu quem dava o sinal. (QUEIROZ, 1992, p. 230)

Podemos vê nesta fala da personagem que enquanto ela tivesse suas relações amorosas com seu primo Duarte, seria sempre ela que daria o sinal se queria ou não algo naquele momento, pois só ela tinha o direito de decidir em que ocasião e momento gostaria de associar suas vontades ou seja ela e que comandava.

#### 4. O CORONELISMO FEMININO NO CANGAÇO

O Coronelismo é um meio muito importante em nossa literatura, no qual se encontra vários conceitos em sua trajetória de história, onde a palavra “Coronelismo” pode se imaginar logo em sua mente o nome Coronéis mais na realidade e bem diferente, pois como nos diz de acordo com autor André Luiz (2018), nós mostra em um trecho de seu livro:

Na primeira metade do século XX, no Nordeste do país, os coronéis foram importantes líderes políticos das regiões sob sua influência. Mas, conforme os registros historiográficos e ficcionais, esse poder não se limitava ao âmbito eleitoral: esses comandantes se revestiam de uma autoridade que muitas vezes ia além dos ditames legais, percorria todos os setores da sociedade e se impregnava até mesmo de uma aura quase divina na crença de seus fiéis seguidores. (ANDRÉ LUIZ, 2018, p.23)

Como podemos ver de acordo observa nesse trecho valores e princípios nos dias de hoje, que se constituem a imagem de um Coronel que foi marcada pela violência. De acordo com André Luiz (2018), nos diz em sua fala “A figura do coronel, tão marcante no interior do nordeste, e no imaginário da política brasileira, principalmente no século XX, deve em grande parte o seu poderio ao distanciamento das políticas públicas das regiões em que se encontrava”.

Se percebe neste trecho em que o autor nos mostra, que se havia muita ligação política entre os chefes onde por eles se traçavam lutas no sertão, é esses chefes eram os famosos chefes locais e políticos. Assim nos diz André Luiz (2018), as constantes batalhas entre o Coronel de Pilão Arcado, o protagonista, e seus adversários, principalmente o coronel Torquato Thebas de Remanso, sofrem a constante influência dos políticos, sempre agindo no sentido de auxiliar os seus aliados e salvaguardar seus interesses mútuos”.

Como se pode ver o coronelismo é o que podemos afirmar e identificar como um fenômeno inevitável, com um fortalecimento em expansão de um poder central que está ordenado em relações econômicas e sociais, e também políticas que antes elas eram arbitrada pela vontade de pessoas onde os Coronéis estavam em domínios que são considerados privados.

Assim podemos ver nesta citação na análise apresentada por Carvalho Accioly (1987), nos deixa claro a respeito do que se foi dito:

A esta posição contrapõe-se a dos que emprestam mais flexibilidade às bases do coronelismo, considerando que podem estar situadas não apenas na propriedade da terra, mas na de quaisquer outros bens de fortuna ou de prestígio, que possam ser instrumentos para o controle de votos. Dessa perspectiva, o coronel é definido como aquele que detém o controle de "currais eleitorais", ou numa linguagem mais moderna, que é o dono de "colégios eleitorais". (CARVALHO ACCIOLY, 1987, P.195)

Como pode-se vê nesta citação apresentada na análise apresentada por Carvalho Accioly (1987), em uma breve leitura podemos fazer uma simples reflexão, em que o Coronel tem um enorme poder e controle sobre as mais diversas situações ocorridas tanto elas sendo eleitorais e também em regiões.

De acordo com André Luiz (2018), “A figura do coronel, chefe poderoso de regiões do nordeste arcaico, encontra registro em obras ficcionais de outros autores, tais como o coronel Horácio Silveira, em Terras do Sem-Fim, de Jorge Amado”: Sabemos que assim como foi citado esse autor nesta citação, também temos vários outros autores que tem destaque em suas obras a representação da força do poder que tem os Coronéis.

Vejamoss essa citação a seguir de Amado (2006):

Seus jagunços diziam que ele era um macho de verdade e que valia a pena trabalhar para um homem assim. Nunca deixava que jagunço seu parasse na cadeia e certa vez saía especialmente da fazenda para libertar um que estava na prisão de Ferradas. Depois de tirá-lo de entre as grades, rasgara o processo na cara do escrivão (AMADO, 2006, p. 54).

A seguinte citação nos deixa bem claro neste trecho do trabalho do autor Amado (2006), a fala de seus empregados ou como se dizia seus jagunços ao seu chefe o Coronel, para o qual eles trabalham. Pois ele jamais deixava os seus em maus bocados principalmente os que le serviam em suas fazendas.

Assim como já vimos o grande poder que tem o “Coronelismo”, o autor André Luiz (2018), nos trás um dos seus trechos no livro sobre a imagem do coronel, “A imagem do coronel se fortalecia proporcionalmente à quantidade de homens que comandava em verdadeiros exércitos pelo sertão nordestino”. Ou seja, como vimos neste trecho da citação, que nos passa a dizer que quantos mais seu bando era maior em suas fazendas, e de seus jagunços maior se tinha o poder os coronéis e nome de respeito em sua região.

Então na visão em que se tem do Coronel como um típico sendo do nordeste, em um plano político se aponta a uma forma, em por os desejos e mandados que são de ordem política, e também econômica sobre as que vivem em suas áreas e também sobre as influencias.

De acordo com Albuquerque Júnior (1999):

Tomado como um resto do passado que teima em viver e uma figura que parece estar imune às transformações históricas, o coronel é sempre o coronel, a figura truculenta e discricionária, que muitas vezes não possui a menor humanidade, nem interioridade. Tipo esquemático e sem diferença, está sempre acompanhado da figura do jagunço, tendo o cangaceiro como o seu grande inimigo, ao lado dos coronéis rivais (ALBUQUERQUE p. 200-201).

A seguinte informação que nos traz a citação acima de Albuquerque (1999), nos traz uma imagem de um coronel, que não como muitos pensam por conta da fama que se tem os coronéis, e pensam de má fé. É sim eles tem cada um seus bandos ou seus capangas de confiança, sendo assim comparados aos cangaceiros, no qual ele cita que é um dos seus piores inimigos.

Diante do Coronelismo e o Cangaceirismo a uma ligação entre eles, assim nos mostra em um trecho de seu livro o autor Antonio Barroso (1973), “Entre coronelismo e cangaceirismo existe grande afinidade, havendo, no entanto no comportamento de um e de outra grande distinção, desde que o coronelismo tem função legal e o cangaceirismo propriamente dito é marginalizado pela justiça”.

De acordo com a seguinte citação mostrada por Antonio Barroso (1973), está bem explícito o quanto é a ligação em que se tem entre ambos, o coronelismo e o cangaço, o

coronelismo é visto como algo mais formal aos olhos dos homens por si tratar de pessoas poderosas de altas posses, já o cangaceirismo é visto como algo desagradável sem muita importância por si tratar de pessoas humildes de pouca educação.

Como uma das cidades mais importantes do nosso nordeste e da Paraíba, Campina Grande é um destaque que o autor Antonio Barroso (1973), nos traz em sua fala no seu livro, o quão foi a importância das pessoas de grandes nomes naquela capital, em que acabaram se destacando ao coronelismo.

A seguir veremos a falar do autor Antonio Barroso (1973):

No contexto de um passado que ainda vive para os novos líderes, destacou-se no âmbito do coronelismo o major João Figueiredo, com as mais de sessenta janeiros, tranquilos na sua Fazenda Jardim, em Fagundes, lembrando os gloriosos tempos em que o tabaco ditava as últimas decisões, e ainda hoje conserva com carinho o seu revólver que tem nome de “Cazuza” e a faca-de-ponta-de-espada que se chamava “Maria Traz a Vela”. O major Veneziano Vital do Rêgo, falecido há algum tempo, foi sem dúvida um dos mais expressivos coronéis, com influência não só em Campina Grande como no estado de Pernambuco, onde exerceu funções de grande relevo, inclusive deputado estadual. (ANTONIO BARROSO, 1973, p.130)

Antonio Barroso (1973), nos mostra em sua escrita de seu livro o quão a importância do coronelismo, onde grandes nomes importantes que tinha grande influência no poder público atuavam. Com isso percebe-se que aqueles homens que tinham mais condições financeiras eram os que tinham mais chances na vida política.

Na questão do cangaceirismo o autor Antonio Barroso (1973), destaca em seu livro a imagem do cangaço no nordeste, como se pode vê na presente citação “No nordeste cangaceirismo é sinônimo de luta, de trabalho, de tenacidade e mesmo de inteligência, nada tendo a ver com a prática de crimes vulgares, no procedimento de indivíduos que vivem marginalizados so convívio da sociedade”.

A citação apresentada acima, nos deixa claro que o cangaço nada mais é que uma questão de luta pela vida, e com isso nada se compara aos bandidos que praticam seus comportamentos agressivos e banais na sociedade, com isso percebe-se a diferença entre ambos mostrados.

A seguir vejamos a citação de Antonio Barroso (1973), questionando o quanto o cangaceiro é visto como herói:

Daí as razões por que o cangaceirismo às vezes chega à admiração popular, tornando-se o cangaceiro um verdadeiro herói, definido como um bravo, um valente que se revela não só nas lutas armadas de duelos sangrentos, mas em todas as atividades que necessitam de vigor humano, de decisão de caráter e de coragem cívica. (ANTONIO BARROSO, 1973, p. 23).

De acordo com a citação mostrada acima pelo autor Antonio Barroso (1973), nota-se nesta fala o valor que o cangaço tem no olhar daqueles que sabem o quão o cangaceiro tem grande importância para este povo, é o quanto eles enfrentam lutas batalhas por suas vidas e por aqueles que precisam de sua ajuda.

Aos olhos de quem via de fora se torna-se um cangaceiro significava querer responder a uma frente sofridora, castigada e passando-se ao ofendido, a se desenvolver a sua atuação de força a uma vingança, sendo capaz de estabelecer ao seu rigoroso cenário de honra, onde eram suas lutas diárias.

Segundo o autor nos mostra em seu texto Frederico Mello (1974), “O cangaceirismo seria o instrumento dessa vingança, agindo esta como causa e, ao mesmo tempo, fim para quem passasse a integrar grupo já existente ou, num esforço de aglutinação, viesse a criar bando próprio”.

De acordo com a citação mostrada do autor Frederico Mello (1974), em suas palavras nos deixa claro a causa de muitos procurarem a vida no cangaço, perceber-se que alguns são por motivos de vingança, mais a também um lado da curiosidade de conhecer a vida em grupo, conviver num bando e talvez depois criar seu próprio grupo ao pegar o gosto da experiência que teve.

Podemos vê a seguir uma citação de Frederico Mello (1974), onde ele nos fala sobre a figura homem e cangaço:

A figura do cangaceiro, homem sem patrão, vivendo das armas, infenso a curvaturas, era razoavelmente bem aceita naquele meio. Mais, chegava mesmo a seduzir os jovens, o que é explicável se considerarmos que ninguém melhor do que ele encarnava os traços marcantes do homem do ciclo do gado, tão apegado às características de acentuado individualismo, livre arbítrio e improvisação. Lampião, mais de uma vez, declarou que considerava o cangaço um bom meio de vida. Chegou mesmo a defini-lo como um "negócio", em passagem de interessantíssima entrevista concedida na cidade de Juazeiro do Norte e publicada no jornal O Ceará, edição de 17 de março de 1926. (FREDERICO MELLO, 1974, p. 68-69)

Conforme a citação mostrada acima, segundo Frederico Mello (1974), comparando a imagem homem e cangaço nos deixa bem explícito, o cangaceiro tem seu livre arbítrio, ele tem aquela força de vontade em seus traços demonstrados, são marcantes tendo como um dos maiores nomes já conhecidos como o exemplo do “Lampião” um cangaceiro temido.

A seguir o autor Frederico Mello (1974), nos traz em seu texto o seu ponto de vista sobre o cangaceirismo:

Dentro de uma concepção em que o cangaceirismo é encarado, em regra, como meio de vida e, apenas excepcionalmente, como instrumento de vingança, adquire grande interesse o estudo do verdadeiro papel desempenhado pela vingança, frequentemente apontada como sendo a causa principal na formação de vocações para o cangaço. Não soa estranho que tal destaque lhe tenha sido emprestado, se considerarmos o verdadeiro estribilho em que se constituíam as respostas dos cangaceiros, diante de indagações sobre os motivos por que se entregavam àquela vida. Invariavelmente invocavam ofensas sofridas, enfatizando a consequente necessidade de vingá-las, num imperativo a que o sertanejo sempre se mostrava sensível e compreensivo. (FREDERICO MELLO, 1974, p. 70)

Diante da seguinte citação mostrada de Frederico Mello (1974), nos deixa um questionamento a respeito do cangaceirismo, onde o mesmo nos mostra o verdadeiro valor e papel do cangaceiro, sobre a questão da vingança em que o sertanejo só era visto como pobre indefeso e que também vivia a mercê dos outros.

De acordo com o escritor Nonato Freitas (2008), vem nos mostrar uma entrevista feita com um dos cangaceiros que fez parte do bando de “Lampião”, vejamos um trecho a seguir:

Moreno lembra que, além de Lampião e Maria Bonita, mais nove cangaceiros foram mortos e degolados naquele dia (28 de julho de 1938). Ao todo, entre homens e mulheres, eram cerca de 47 pessoas. Os que escaparam do cerco se entregaram em seguida à polícia. Corisco, o Diabo Louro, sanguinário e igualmente homem de total confiança de Lampião, no momento do massacre encontrava-se do outro lado do rio, a três quilômetros de Angico. Tinha sob seu comando um subgrupo. Moreno recorda que Corisco chegou a ouvir os tiros, mas nada pôde fazer em defesa dos companheiros por estar à margem oposta do rio, sem condição de atravessá-lo. (NONATO FREITAS, 2008, p. 48)

Podemos vê nesta citação de Nonato Freitas (2008), o quanto os cangaceiros eram perseguidos por policiais, é as leis naquela época eram rígidas para com aqueles os

<sup>3</sup>cangaceiros, que preferiam morrer ao se entregar a justiça. Assim nos mostra Nonato Freitas (2008), em sua entrevista “Naquele tempo, a ordem era uma só: ou o cangaceiro se entregava, ou então era morto e degolado em seguida. Diante dessa crua realidade, Moreno tomou uma decisão”. Nisso pode-se vê tamanha crueldade, pois para um cangaceiro se entregar a polícia era o mesmo que está se matando também.

#### 4.1 Banditismo

Norberto Ferreras (2003), vem nos trazer em seu texto uma citação questionando sobre o banditismo social, a sua fundamentação no meio deste trabalho é nos mostra um comparativo um período histórico em uma determinada situação, que passa a fazer a parte histórica.

A seguir vejamos uma citação onde o autor Norberto Ferreras (2003), fala em seu trabalho e cita o autor Hobsbawm (1972), sobre o banditismo:

Desde a década de 1960, as aproximações da História Social ao fenômeno do Banditismo Social estiveram fortemente marcadas pelos estudos desenvolvidos por Eric Hobsbawm. Fernand Braudel tinha feito alguns avanços nesta questão, porém, só quando Eric Hobsbawm publicou *Primitive Rebels*, em 1959, e *Bandits* em 1969, o Banditismo Social, como uma forma de resistência camponesa, passou a fazer parte do elenco temático da História Social. (NOBERTO FERRERAS, 2003, p. 215).

Como se pode vê nesta citação mostrada por Norberto Ferreras (2003), sobre a questão do banditismo ele nos deixa bem claro, fazendo-se uma breve leitura em que ele nos mostra o envolvimento que a no poder capitalista, onde lutas entre classes de terras sendo assim, a violência ficando mais evidente sobre onde ocorre disputas no poder do território.

Na questão em que envolve o cangaço é o banditismo, ambos estão muito ligados entre o Sertão Nordestino e especificamente na zona rural, como assim veremos nessa citação em que o autor Frederico Mello (1974), nos mostra a seguir:

O cangaço de rapina Foi tipo de banditismo rural de ocorrência frequente no sertão do Nordeste, especialmente durante o século XIX e primeira metade do atua. Como Forma de criminalidade grupal sem finalidades políticas, ideológicas, ou mesmo ligadas a sentimentos de família ou clã, apresenta acentuado parentesco com manifestações criminosas surgidas em quase todas as partes do mundo. (FREDERICO MELLO, 1974, p. 81)

De acordo com a citação mostrada o que nos quer passa esse pequeno trecho do trabalho de Frederico Mello (1974), é que não havia outros meios de vida para eles os cangaceiros onde nisso eles tinham um grande ganho de poder material, pois ambos tinham seus interesses tanto que era cada um por si às vezes e outras eram todos juntos em um só propósito.

Segundo Frederico Mello (1974), “A nível singular, o cangaço de rapina tem como representante, por excelência, aquele bandido dotado de razoável predisposição psicológica,

---

<sup>3</sup> De acordo com Hobsbawm, o Banditismo Social é um fenômeno universal, dado que os camponeses teriam todos eles um modo de vida similar, definido pelo acesso direto à terra e a uma série de recursos naturais e de reciprocidades costumeiras na comunidade; por isto, o Banditismo Social não tem um período definido numa cronologia unívoca. Conforme Hobsbawm, a transição para o capitalismo agrário não acontece num momento histórico específico e depende do momento em que se produz essa transição (p.215)

oriunda de fatores disposicionais ou adquiridos, que encontra satisfação na forma de vida adotada”. Aqui pode se vê que está bem claro, que aquele cangaceiro que e chamado de bandido age em suas ações por vontade própria sentido o prazer no que esta fazendo.

O escritor César Barreira (2010), nos traz em seu trabalho através do seu olhar uma definição no que ele acha do bandido em um meio social, aprofundando sua análise no autor Eric Hobsbawm (1978), “O lugar do “bandido social”, definido por Eric Hobsbawm, é realçado por qualidades de valentia, ousadia, força e aventureirismo”.

Ou seja, ele nos mostra em suas palavras que ao seu olhar, ele os vê um bandido que por muitas das vezes é colocado como um herói que estão sempre lutando e vencendo. Sendo assim o autor César Barreira (2010), nos traz mais uma vez a sua visão sobre eles os bandidos.

Na condição de detentor destas qualidades é colocado como herói o que sempre vence. São eles justiceiros, repartidores públicos, cangaceiros, bandoleiros ou mesmo matadores de aluguel. Nesta mistura de valores e de códigos os contornos de uma determinada forma de justiça, uma “justiça paralela”, são traçados. Os valores morais são pautados, tendo, de um lado, a generosidade, a lealdade, a coragem, a independência e o desprendimento e, do outro lado, a ganância, a falsidade, a subserviência e a avareza. (CÉSAR BARREIRA, 2010, p. 73)

A seguinte citação mostrada por César Barreira (2010), fala dos valores que tem estes cangaceiros onde para os olhos de muitos são chamados de bandidos, pode-se encontrar nestas pessoas qualidades que são boas, mas a também alguns pontos para se observar em que a aqueles que não se fazem jus ao nome por conta das suas falsidades e ganancias.

Pode-se dizer que há o bandido no meio do cangaço que sim é criminoso, é também ele pode ser um protetor aquele que ajuda aos que precisam, ou ate mesmo um justiceiro que faz a divisão daqueles bens importantes que há no meio publico, sendo assim visto como herói. Sendo assim de acordo com César Barreira (2010), “Não existe nestas circunstâncias um culpado a ser punido, mas sim, um meio social adverso, injusto, que propicia o surgimento desses bandidos-heróis”. Este e um meio de sobrevivências deles tirar daqueles que mais tem e da aos que necessitam.

Vejamos a seguir uma citação onde o autor César Barreira (2010), fundamentada no autor Hobsbawm Eric (1987), nos trás sobre o banditismo:

O banditismo social, fenômeno universal e praticamente imutável, pouco mais é do que um endêmico protesto camponês contra a opressão e a pobreza; um grito de vingança contra os ricos e os opressores, um vago sonho de conseguir impor-lhes alguma forma de controle, uma reparação de injustiças individuais (CÉSAR BARREIRA, 2010, p. 74).

Podemos vê na citação mostrada por César Barreira (2010), que mostra no banditismo suas características em que os definem, nisso iniciando suas vidas no crime onde mais se vê o que fazem, nada mais é que ajudar aos pobres tirando daqueles que mais tem, e jamais fazem justiça com suas próprias mãos como chegar a matar, ao não ser se for por sua defesa ou ate mesmo desejo de vingança.

O seguinte trabalho de pesquisa de Petrônio Domingues (2017), nos mostra como era o fenômeno do banditismo no nordeste, vejamos a seguir a sua citação onde fica bem claro o assunto:

Entre 1900 e 1940, aproximadamente, deu-se o auge do cangaço na região Nordeste do Brasil, um fenômeno associado aos bandoleiros que, armados, atuavam nos limites do sertão e do agreste, cruzando fronteiras de vários estados e cidades, agindo, no início, com o “argumento de vingança, de preferência interfamiliar (ou ingressando nos bandos como ‘refúgio’, para proteger-se da perseguição da polícia ou de outros inimigos), para em seguida utilizar essa modalidade de banditismo rural

como forma de sobrevivência, ou seja, para obter ganhos materiais por meio de roubos, saques e extorsões”. (PETRÔNIO DOMINGUES, 2017, p. 3)

De acordo com a seguinte citação de Petrônio Domingues (2017), onde nos mostra o momento do banditismo, tudo isso acabou acontecendo e surgindo por falta de perspectivas que as pessoas tinham na sua questão de sobrevivência, sem esperanças por tudo que sofriam e acontecia com elas.

Como podemos vê neste trecho a seguir nesta próxima citação de Petrônio Domingues (2017), abaixo:

O aparecimento do cangaço está relacionado ao sistema político, jurídico, econômico e social do Nordeste brasileiro; à decadência e reverses da cadeia produtiva ligada à agricultura pecuária, à vida de penúria da população sertaneja, às penosas secas, à ausência do poder público, às injustiças advindas dos “coronéis” e seus jagunços, às rivalidades e brigas fraticidas entre clãs familiares, aos abusos e truculência da polícia, aos códigos de honra, vingança e violência do sertão, à fragilidade das instituições responsáveis pela lei, ordem e justiça, à falta de perspectivas e esperanças de dias melhores. ( PETRÔNIO DOMINGUES 2017, p. 4)

A seguinte citação mostrada de Petrônio Domingues (2017), nos faz lembrar um trecho que tem na obra de Rachel de Queiroz “Memorial de Maria Moura”, como se pode vê, pois contem conflitos entre familiares, disputas entre o poder das terras e entre a justiça como assim nos mostra.

A seguir veremos na obra de Rachel de Queiroz (1992) a fala de Maria Moura:

Eles pouco se importavam com Mãe, casada ou amigada, queriam era passar a mão nas terras do Limoeiro. Quase derrubei o tamborete ao me levantar, e indaguei, sentindo o beijo me tremer de raiva: — Vocemecês, em vida de Mãe, nunca visitaram a ‘Titia’ nem cobraram herança. Se são herdeiros, cadê o testamento? O Tonho cuspiu entre as falhas dos dentes: — Seu pai deu fim no testamento e nas escrituras do terreno. A gente sempre soube que o seu pai era um homem meio perigoso. Onde ele botava a mão, ficava a marca de sangue! Me senti tão enfurecida que de novo me levantei do banco e corri abrir a cancelinha do alpendre. E botei os dois pra fora: — Podem fazer caminho, que eu não estou aqui para ouvir vocês detratando de Pai e de Mãe. (RACHEL DE QUEIROZ, 1992, p. 28)

A seguinte fala de que acabamos de vê de Maria Moura, na obra de Rachel de Queiroz (1992), mostra-nos bem claro que a partir daí a protagonista deixa de ser a sinhazinha e passa a sentir outro sentimento dentro de si, o de raiva desprezo por aqueles que não a viam como família e entra de frente pela luta de seus diretos.

## **4.2 A imagem da mulher no cangaço**

Um ponto forte a ser lembrando no cangaço, é a imagem da mulher cangaceira que por sua vez quando se é colocada em cenas de filmes e tvs, é logo imaginado na mente daqueles que estão de fora como uma mulher bandida, temida mulher de bandido, já por ser citada como cangaceira.

De acordo com as autoras Suzana Santana de Souza e Caroline de Araújo Lima (2013), veremos em sua fala na questão das características das mulheres no cangaço:

Já em relação à presença das cangaceiras nos jornais, literatura e no cinema, quando aparecem percebemos os estereótipos que lhes foram concebidos, foram caracterizadas como bandoleiras, criminosas, amantes ou companheiras de um cangaceiro, não abordando os reais motivos que as levaram para este ambiente,



ofuscando dessa maneira o que é ser mulher em <sup>4</sup>um movimento discriminado aos olhos da sociedade. (SOUZA, LIMA. 2013, p. 3)

A seguinte citação nos mostra na fala das autoras Suzana Santana de Souza e Caroline de Araújo Lima (2013), o quanto a imagem da mulher cangaceira é vista, distorcida e até mesmo discriminada quando é exposta em trabalhos que envolvem sua imagem em meio ao cangaço, aos olhos do povo em meio à sociedade.

A mulher já nasce com uma imagem de que desde pequena, já é obrigada por uma sociedade que impõe a ela, sendo do sexo feminino com isso, sempre quem esta com a imagem de maior poder é a o do homem, que a ignorava, tentando desfazer de suas capacidades em que a mulher tinha, sendo assim a colocando a prova com os afazeres masculinos.

Segundo a exposição das autoras Suzana Santana de Souza e Caroline de Araújo Lima (2013), nós trás um ponto importante sobre o banditismo feminino como podemos vê. “A incorporação de mulheres ao banditismo se deu por volta de 1930, com a entrada de Maria Bonita ao bando de Lampião. Esse acontecimento pode ser considerado uma das peculiaridades do bando liderado por esse cangaceiro”. Percebe-se que tudo começou logo por Maria Bonita interagindo ao bando e levando consigo outras mulheres

As seguintes autoras Suzana Santana de Souza e Caroline de Araújo Lima (2013), nos traz em seu trabalho exposto uma citação da autora Ana Saraiva de Freitas (2005), onde nos fala assim “nem todas as mulheres que optavam pelo cangaço eram de famílias pobres, muitas escolhiam este estilo de vida com intuito de fugir dos padrões estabelecidos pela sociedade, uma alternativa de escolher o seu próprio marido”.

Vendo de acordo com essa citação de Ana Saraiva de Freitas (2005), percebemos que as mulheres eram regradas a aqueles costumes de que sua família é que teria que escolher seu marido, que tudo tinha que ter alguém a dizer o que fazer e deixar de fazer, nisso vê-se que elas encontram no cangaço a liberdade de vida e escolhas sem que ninguém as impeça. Segundo a autora Caroline Lima (2018), nos mostra em seu trabalho “Com relação ao contexto histórico, entre 1930 e 1940, as mulheres estavam sob a égide do código civil de 1916, que definiu institucionalmente o lugar da mulher. A entrada das mulheres no cangaço feriu a legislação, as suas experiências não estavam mais atreladas a tal estrutura”. Podemos vê de acordo com o que foi mostrado na citação de Caroline Lima (2018), percebe-se que as mulheres foram por muito tempo proibidas a ter sua própria voz.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada uma análise bibliográfica na obra *Memorial de Maria Moura*(1994), da autora brasileira Rachel de Queiroz. A pesquisa foi realizada através de um interesse após uma leitura da obra, na qual o modo de vida apresentado pela personagem “Maria Moura”, que tinha interesse de ter sua própria vida, não ser submissa a homem ajudar aqueles que precisavam de ajuda da sua força e coragem.

Sendo assim a análise da obra “Memorial de Maria Moura”, nos traz no perfil desta personagem forte características do mundo no cangaço, onde a personagem “Maria Moura” tinha comportamentos comparativos a um cangaceiro, como um homem mandando nos

---

<sup>4</sup> Os estereótipos costumam ser associados a conceitos negativos manifestados quando é emitido julgamento acerca de algum tema, de uma determinada pessoa, de um grupo, ou mesmo relacionado a ações. Entretanto, diversos autores mostram que os estereótipos podem significar igualmente uma forma de lidar com as incertezas do mundo, facilitando a comunicação e inserindo os indivíduos em diversos grupos sociais.

capangas, usava vestes que na época só os homens poderiam, como calças, camisas de mangas longas, cabelo curto, seu modo de viver representava bastante o mundo do cangaço.

A análise nos mostra que na narrativa de Rachel de Queiroz, em sua obra a uma mistura de forças e fraqueza, é também as virtudes e os defeitos em que há na condição humana, desde o crime a também o remorso, o amor ao ódio. Nesta obra a autora Rachel de Queiroz nos mostra um Nordeste com muitos problemas sociais, a sua força está em criar figuras femininas e singulares.

Também verificamos ainda que a autora nos traz em suas escritas, suas opiniões sendo transpassadas nas diferenças entre gêneros Masculinos e Femininos, a questão da cumplicidade entre ambos os personagens “Maria Moura” e o “Padre” (Beato Romano), ambos envolvidos em crimes e cúmplices em suas mortes.

Dando continuidade à pesquisa a autora Rachel de Queiroz, depois de feita a análise nos mostra de onde veio sua inspiração para sua obra “Memorial de Maria Moura”, descobrimos que a fonte de inspiração para seu trabalho veio das façanhas de Elisabeth I, a rainha da Inglaterra e também de uma mulher chamada Maria de Oliveira de Pernambuco, mas conhecida como (Maria Bonita), onde houve a seca de 1602 sendo ela a chefe de um bando.

A imagem de cangaceira era muito presente nesta narrativa através da obra “Memorial de Maria Moura”, através da personagem “Maria Moura”, onde ela não aceitava ser submissa a vontade carnal do homem, ela que dava as ordens, ela é que mandava e decidia quando tinha suas vontades de mulher para se satisfazer no momento em que desejava.

Assim concluímos nossa pesquisa em análise, que hoje atualmente muitas coisas que há na obra de Rachel de Queiroz, ainda está em nosso meio sendo representados em nossos cotidianos, como a seca do Nordeste o Banditismo, que ela nos traz é esta presente também em sua obra, onde atualmente acontece com aqueles poderosos, que hoje são os governantes de mais autoridades.

A questão da mulher não ser submissa ao homem, ainda existem algumas que são, mas já tem mudado bastante este contexto. Hoje a mulher é independente vive sua vida, decide quem quer ou não para viver consigo, assim como “Maria Moura” decidia quando queria ou namorar ou se relacionar.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. Recife: FJN. ED, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

AMADO, Jorge. **Terras do Sem Fim**. 78. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BOSI, Alfredo. **Historia concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMINHA, Edmilson. **Rachel de Queiroz: a senhora do Não Me Deixes**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. **CORONELISMO E NEOCORONELISMO: ETERNIZAÇÃO DO QUADRO DE ANÁLISE POLÍTICA DO NORDESTE?**. IN: **Cad. Est. Soe., Recife, v.3 r7. 3 p 193- 206, jul./deL, 1987308**. Disponível em: <file:///C:/Users/Alcielis/Downloads/1025-1088-1-PB.pdf>. Acesso em 02 de Maio de 2019.

CÉSAR, Barreira. **BANDITISMO E PRÁTICAS CULTURAIS: A CONSTRUÇÃO DE UMA JUSTIÇA POPULAR**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v.41, nº2, jul/dez, 2010,

p. 73-82 Disponível em: [http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v41n2/rcs\\_v41n2a6.pdf](http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v41n2/rcs_v41n2a6.pdf) Acesso em 13 de Maio de 2019.

DOMINGUES, Petrônio. **O “CORISCO PRETO”: CANGAÇO, RAÇA E BANDITISMO NO NORDESTE BRASILEIRO.** Universidade Federal de Sergipe São Cristóvão – Sergipe – Brasil. rev. hist. (São Paulo), n.176, a06716, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rh/n176/2316-9141-rh-a06716.pdf>. Acesso em 14 de Maio de 2019.

FERRERAS, Norberto. O. **BANDOLEIROS, CANGACEIROS E MATREIROS: REVISÃO DA HISTORIOGRAFIA SOBRE O BANDITISMO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA.** HISTÓRIA, SÃO PAULO, 22 (2): 211-226, 2003. Disponível em; <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n2/a12v22n2> Acesso em 12 de Maio de 2019.

FREITAS, ANA PAULA SARAIVA DE. **A PRESENÇA FEMININA NO CANGAÇO: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES (1930-1940).** ASSIS 2005. Dissertação apresentada a Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de conhecimento: História e Sociedade) Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Zélia Lopes da Silva.

FREITAS, Nonato. **A VIDA NO CANGAÇO.** Senatus, Brasília, v. 6, n. 1, p. 45-49, maio 2008. Disponível em; [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/131826/vida\\_canga%C3%A7o.pdf?sequence=3](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/131826/vida_canga%C3%A7o.pdf?sequence=3) Acesso em 10 de Maio de 2019.

GALVÃO, Luiz Machado André. **LIVRO: O CORONELISMO NA LITERATURA: ESPAÇOS DE PODER.** Editora UFRB. Cruz das Almas/ BA-2018

GÊNERO E REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA BRASILEIRA. **Coleção Mulher & Literatura Volume II**, 2002.

HILTON, Lisa. **Elizabeth I. Uma Biografia**, 2006

HOBSBAWM, E. J. Social Bandits: Reply *In: Comparative studies in Society and History*. Cambridge: Cambridge University Press, v.14, n.4, September 1972.

HOBSBAWM, Eric J. **Rebeldes Primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX.** 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LIMA, Caroline de Araújo. Doutoranda em Ciências Sociais pela UFBA. Professora Assistente do Curso de História da UNEB. Bolsista FAPESB. **CANGACEIRAS EM UM CLICK: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO CANGAÇO.** Ponta de Lança, São Cristóvão, v.12, n. 22, jan.-jun. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/download/9160/pdf>. Acesso em 21 de Maio de 2019.

MELLO, Frederico Pernambucano. **ASPECTOS DO BANDITISMO RURAL NORDESTINO.** Ci. & Tióp., Recife, 2(1):67-111, jan./jun. 1974. Disponível em: <file:///C:/Users/Alcielis/Desktop/CANGAÇO/131-406-1-PB.pdf> Acesso em 13 de Maio de 2019.

OLIVA, Osmar Pereira. Dôra, **Doralina- o eterno feminino ou um louvado para o amor**. Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários, [S.l.], v. 7, out. 2012. ISSN 1980-2552. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3913/2891>>. Acesso em: 22 abril 2019.

PAGANUCCI, Jeanne Cristina Barbosa. Rachel de Queiroz e autoria feminina leitura literária e leitura cultural. In: **IV SEPEXLE**, seminário de pesquisa e extensão em letras. Disponível em: [http://www.uesc.br/eventos/sepexle/ivsepexle/artigos/art9\\_paganucci.pdf](http://www.uesc.br/eventos/sepexle/ivsepexle/artigos/art9_paganucci.pdf) Acesso em 28 de Março 2019.

PONTES, Antônio Barroso. **LIVRO: CANGACEIRISMO DO NORDESTE. Rio de Janeiro 1973.**

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. In: **Boletim Bibliográfico**. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.0450.pdf> Acesso em 29 de Março de 2019

SANTOS, Regina Maria dos. Meios de comunicação e políticas nas crônicas de Rachel de Queiroz, In: **ANPUH-XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTORIA, 2009**. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.0450.pdf> Acesso em 29 de Março de 2019

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santo de. A Ótica Memorialista no Romance as Três Marias (1939), de Rachel de Queiroz. **Biograph**. Disponível em: [http://viicipa.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/07/P4T\\_A-%C3%93TICA-MEMORIALISTA-NO-ROMANCE-AS-TR%C3%8AS-MARIAS-1939-DE-RACHEL-DE-QUEIROZ.pdf](http://viicipa.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/07/P4T_A-%C3%93TICA-MEMORIALISTA-NO-ROMANCE-AS-TR%C3%8AS-MARIAS-1939-DE-RACHEL-DE-QUEIROZ.pdf) Acesso em 22 de Abril de 2019.

SOUZA, Suzana Santana de e LIMA, Caroline de Araújo. **CANGACEIRAS EM CENA: Uma análise das Marias na produção cinematográfica e literária**. XX SIMPOSIO NACIONAL DE HISTORIA. Conhecimento histórico e dialogo social. Natal-RN, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364596326\\_ARQUIVO\\_Cangaceiras\\_cena\\_suzana.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364596326_ARQUIVO_Cangaceiras_cena_suzana.pdf). Acesso em; 20 de Maio de 2019.